

# Augusto Franco de Oliveira A primeira última lição de um Mestre

Antônio M. Fernandes

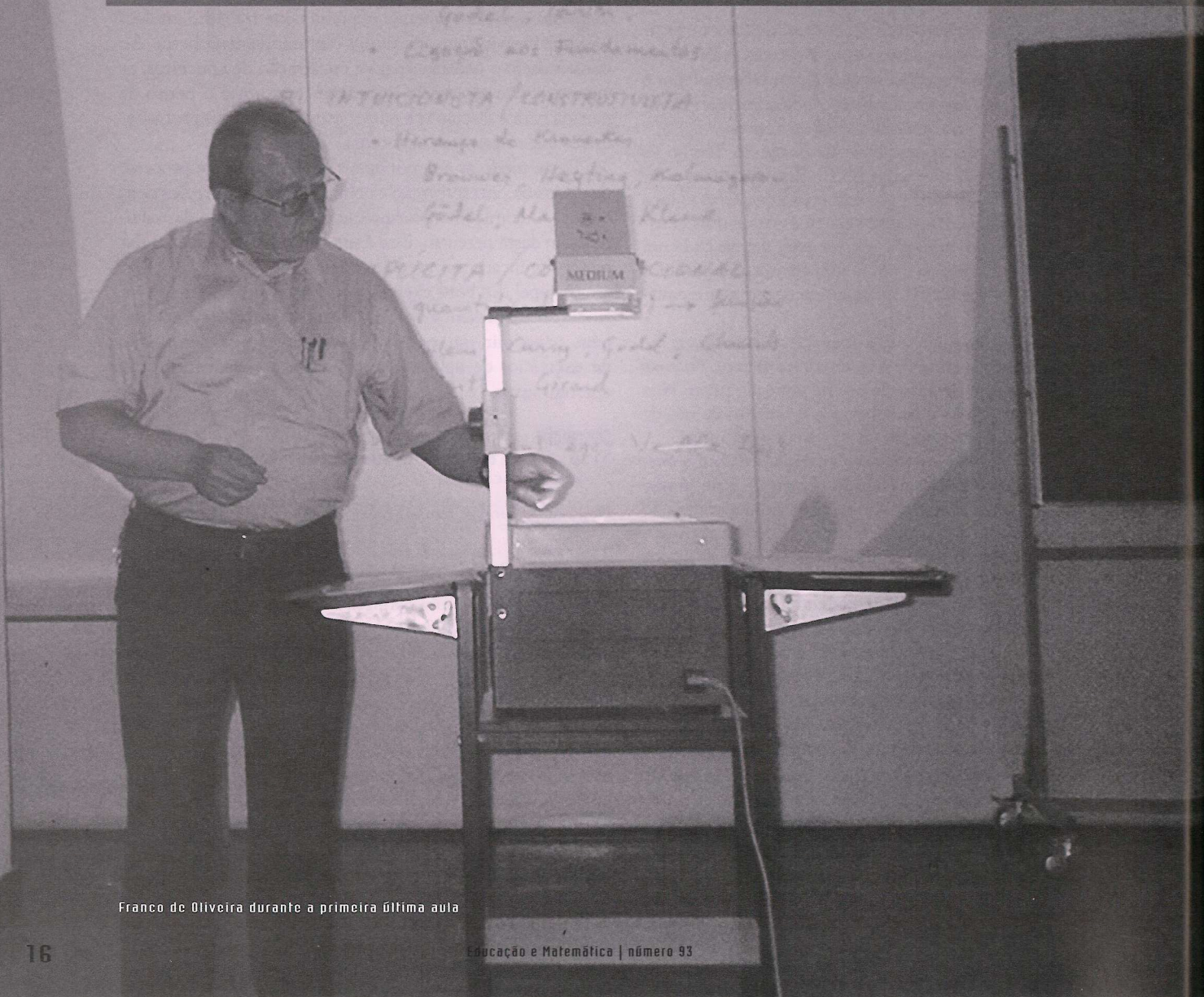
No passado dia 18 de Junho rumei a Évora, com dois outros colegas, para assistir a um acontecimento que já sabia a priori, não ir acontecer. Não ia acontecer pois era impossível que acontecesse e este facto podia estabelecer-se usando somente a lógica.

Dias antes tinha recebido um e-mail anunciando a Última Aula do Professor Augusto Franco de Oliveira. O autor da mensagem terá ele próprio sentido alguma desadequação entre o tipo de homenagem e o homenageado, pelo que havia sido cuidadoso na redacção, anunciando-a como “a última aula formal”. Criando esta distinção entre o essencial e o acessório acabou por ser mais realista.

Quando, pelo meio-dia, nos juntámos um número muito razoável de pessoas, no anfiteatro 2 do Colégio Luís Antó-

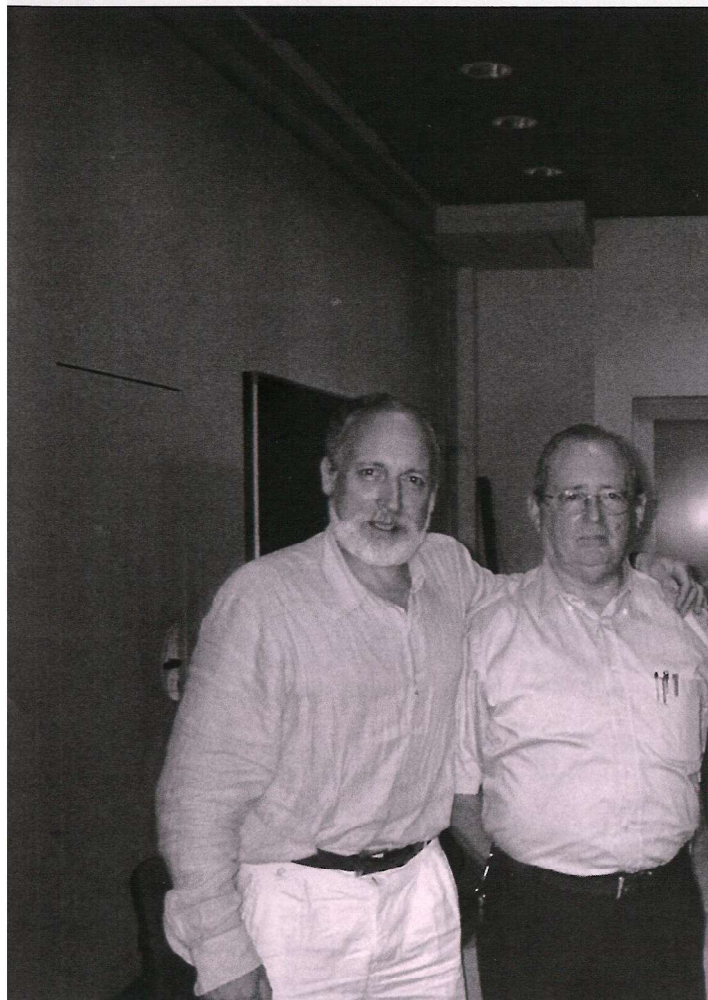
nio Verney, estávamos lá apenas e simplesmente para ouvir Franco de Oliveira. Era mais uma ocasião para respirar essa atmosfera comunicacional cristalina, que com ele é possível vivenciar. Uma atmosfera à qual, aqueles de nós que fomos, e sempre seremos seus alunos, temos necessidade de regressar de quando em quando, como quem procura o ar puro da montanha. Trata-se de um grande Mestre, não apenas aqui, nesta terra onde o padrão regra geral encolhe; sê-lo-ia assim em qualquer lugar do mundo e, atrevo-me a dizê-lo, em qualquer tempo também.

Franco de Oliveira é uma dessas raras pessoas que livrou do lastro que representava o país em que nasceu. Um país que desperdiçou talento e, pior que isso, se atrasou voluntariamente e inexoravelmente. Felizmente, para as escolas de Lógi-



Franco de Oliveira durante a primeira última aula





Com o grande amigo Paulo Almeida



Com Eduardo Veloso, de quem foi aluno

ca Matemática e de Análise não Standard que actualmente existem em Portugal ele apaixonou-se pelos fundamentos da matemática. Desbravou solitariamente esses caminhos, entre nós praticamente desconhecidos. Fez-se Lógico Matemático por si próprio o que, em si, é já um feito notável. Não teve a oportunidade de trepar para cima dos ombros de gigantes, algo que os grandes vultos da matemática humildemente reconheceram. Se aquelas áreas de investigação têm hoje alguma importância, até alguma importância internacional, deve reconhecer-se que isso se deve a Augusto Franco de Oliveira, ou a uma mistura dele com quase nada.

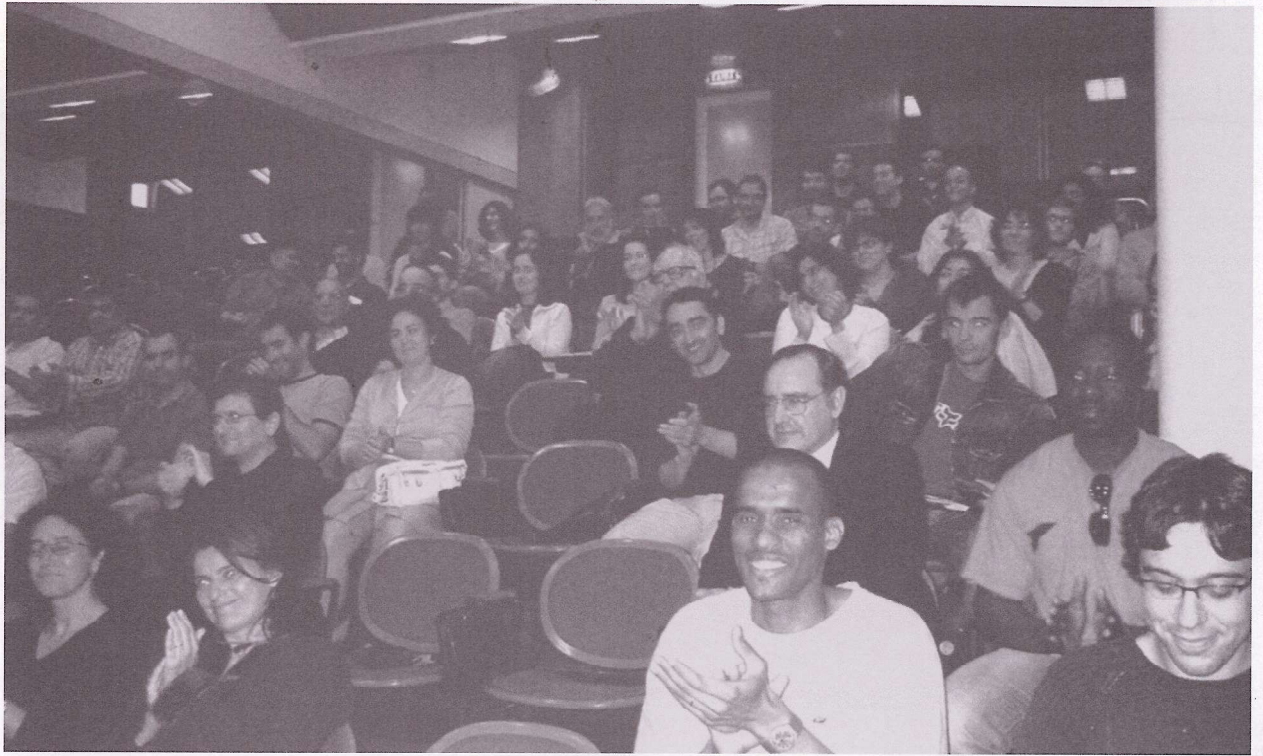
Se a compreensão dos resultados fundamentais da lógica matemática do século XX já requer um esforço significativo, a sua divulgação requer ainda mais. Trata-se de uma etapa que a maioria cumpre mal e, perante a qual, uma parte substancial do restante hesita. Franco de Oliveira fá-lo magistralmente, tornando absolutamente claras as ideias fundamentais. Parece coisa simples, este propósito que, no

entanto, só é alcançável através de uma profunda generosidade intelectual e de um activo empenho e esforço.

A difusão do conhecimento, encara-a sempre Franco de Oliveira, como uma missão, um dever ao qual dedicou e continua a dedicar enorme esforço. Não uma difusão burocratizada, antes uma "liturgia" de racionalidade e de grandes ideias. A Educação, enquanto um percurso para a formação do Homem Universal, ou como diria Caraça, a formação cultural integral do indivíduo, está sempre no seu horizonte e tem nele uma metodologia viva. A sua pedagogia é simples, reduz-se a um profundo respeito pela argumentação racional e pelos seus interlocutores.

Essa mesma generosidade que já referi, associada a esse espírito de missão, levou-o e ainda o leva a prescindir do trabalho em proveito próprio, para se dedicar à recuperação e divulgação do trabalho de outros. Cito apenas dois exemplos, uma tese inédita de José Sebastião e Silva sobre lógica que, não fora ele, continuaria inédita e também es-





Especto geral da assistência

quecida e, mais recentemente, a recuperação da obra lógica de Edmundo Curvelo. Estes são apenas dois episódios de uma luta desigual contra um país que metodicamente cultivava uma atitude hostil à sua própria memória situando-se sistematicamente de costas voltadas para os grandes vultos da sua cultura, ignorando-os.

Augusto Franco de Oliveira colaborou com a APM em diversas ocasiões recorro a sua participação em alguns ProfMat e também num evento importante, revestido de uma certa aura fundacional, refiro-me ao Seminário de Milfontes. Essa colaboração mantém-se ainda hoje, de facto, ele é um dos colaboradores da revista Educação e Matemática, encontrando-se a preparar o número temático deste ano, do qual é editor convidado. É, de resto, no contexto desta última colaboração que me foi pedido que escrevesse algumas linhas sobre o evento que me levou a Évora. Lamento, mas não me é possível dizer nada num estilo mais institucional. Franco de Oliveira marcou-me indelevelmente, costumo dizer que me condenou ao estudo da Lógica Matemática. A este propósito foi interessante ouvi-lo agradecer publicamente ao Eduardo Veloso (que foi professor dele e também esteve presente em Évora) o facto de, de certa maneira, o ter inquietado, mesmo desencaminhado, sugerindo-lhe uma dessas leituras não recomendadas (que também existem em matemática). Foi um momento em que me senti muito próximo dele, que também me desencaminhou a mim. Ambos parecemos ter mais a agradecer àqueles que nos desencaminharam que aos que nos tentaram indicar o caminho cer-

to. Apetece citar Álvaro de Campos: “O que eu adoro nos meus versos não é o sistema filosófico que me dizem que se pode tirar de lá. É o sistema filosófico que não se pode tirar de lá.”

No final do evento, Franco de Oliveira estava livre. Livre da encenação burocrática em que a Universidade (não me refiro em particular à Universidade de Évora, mas à Universidade enquanto figura institucional) se tornou. Esta Universidade que aos poucos se transforma em repartição prestadora de serviços já não o merece. Mesmo assim, ele nunca regateou o seu labor em prol do Conhecimento. Quero crer que teve agora o prémio merecido—a liberdade e a paz de espírito para conduzir a bom termo os seus projectos, que são da maior relevância e que, aqui, na Educação e Matemática desejamos que incluam a continuação desta colaboração. Estas coisas terminam, regra geral, com desejos. Não o farei! Qualquer desejo contém em si, em maior ou menor grau, um pouco de ilusão. Franco de Oliveira é como devia ser, não há pois, nele, qualquer necessidade de ilusão<sup>(\*)</sup>.

<sup>(\*)</sup> Como dizia Alberto Caeiro!

*Agradecimento:* Agradeço a Paulo Almeida (um dos raros espécimens vivos da raça de Franco de Oliveira) a disponibilização das fotografias que ilustram este texto.

António M. Fernandes  
Dep. Matemática. IST